

**A propósito do IV Encontro Pela Paz
Seixal, 31 de Maio de 2025
(ACR esteve representada por Valdemar Santos)**



APELO À DEFESA DA PAZ

Pela paz todos não somos demais! Cumprir a Constituição de Abril!

Foi um Encontro acolhido na Baía do Seixal motivado pela marca indelével da solidariedade internacionalista com os Povos de todo o Mundo, tantas vezes referida e que emoldurou o Apelo à Defesa da Paz aprovado por cerca de mil participantes.

Permito-me assinalar que a Exposição da ACR alusiva ao Centenário de Vasco Gonçalves, exposta nas instalações da CM do Seixal desde 5 de junho, termina no seu último painel com duas mensagens transatlânticas: a reprodução da uma carta de Hugo Chaves a Vasco Gonçalves, sensibilizado pela saudação que este endereçou ao II Encontro Mundial de Solidariedade com o Revolução Bolivariana, assegurando-lhe: «*A Pátria de Bolívar é e será sempre a sua casa*» e a carta de condolências que Fidel de Castro enviou a Aida Gonçalves, companheira do «*amigo inolvidable de nuestra Revolución*».

Não tardarão as Festas Populares do Seixal, e porventura foi à volta de 2000 que o nosso Primeiro-Ministro do Povo e dos Trabalhadores nelas visitou um espaço de solidariedade com Cuba contra o criminoso bloqueio praticado pelos Estados Unidos, onde um cartaz editado em San Sebastian, escrito em basco (arriscamos: «*Kuba gabe ezer ez litzateke berdina izango*»), aparentemente ambíguo na sua tradução à letra: «*Sem Cuba nada seria igual*», transmitia afinal o último sentimento de uma profunda convicção, a saber: «*Sem Cuba, o Mundo seria pior!*».

«E nada, nada de nada, se fala do Muro de Marrocos, que desde há 20 anos perpetua a ocupação marroquina do Saara Ocidental. Este muro, minado de ponta a ponta e de ponta a ponta vigiado por milhares de soldados, mede 60 vezes mais que o Muro de Berlim», desabafava indignado o escritor uruguaio Eduardo Galeano, segundo a edição Nº 70 do Plenitude (2007?), num artigo de Francisco Colaço Pedro que complementa: *«2700 km de paredes de terra, rocha e areia, fortificadas por bunkers, vedações e arame farpado»* e semeadas de *«vários milhões de minas.»*

De entre os 43 portugueses a caminho do Saara partiu então uma delegação da FENPROF. Era natural, porque no Deserto da Morte iria contribuir para a reconstrução de uma escola para mais de 600 crianças e formação de professores. As Câmaras de Moita, Palmela e Seixal, entre mais algumas do país, sobretudo do Alentejo, deliberaram a atribuição de donativos, contrariando Galeano na paráfrase: a utopia não está lá no horizonte (*«A utopia está lá no horizonte. Me aproximo dois passos, ela se afasta dois passos...»*), dizia ele no Fórum Social Mundial de Porto Alegre, em 2005). Terras portuguesas deram nome a salas de aula lá onde alguém fala do 25 de Abril.

Valdemar Santos